

**PROGRESSÃO REFERENCIAL E ANÁFORA
EM TEXTOS ORAIS**

Rachel Maria Campos Menezes de Moraes (UFF)
rachel_maria_moraes@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Neste trabalho que faz parte de nossa pesquisa de Iniciação Científica apoiada pela FAPERJ e orientada pela Prof^a Dr^a Vanda Cardozo de Menezes, analisa-se a progressão referencial e o uso da anáfora em textos orais.

O “corpus” é constituído por entrevistas gravadas pelo projeto de descrição da Norma Urbana Culta do Estado do Rio de Janeiro (NURC-RJ), nas décadas de 70 e 90.

Para o estudo, vale-se da abordagem discursiva do fenômeno da referência, entendida como processo de referenciação, como se apresenta nos estudos da Linguística Textual desenvolvidos em muitos trabalhos de Luiz Antônio Marcuschi e Ingedore Koch, em especial no artigo “Processos de Referenciação na Produção Discursiva”, publicado pela revista Delta, vol. 14, 1998.

Foi selecionado um diálogo, dentre os vários diálogos gravados por pessoas de diversas faixas etárias naturais do estado do Rio de Janeiro, Projeto NURC-RJ.

PROGRESSÃO REFERENCIAL E ANÁFORA

A progressão referencial, segundo Koch e Marcuschi, se dá com base numa complexa relação entre linguagem mundo e pensamento. Esta relação se estabelece no discurso. Assim, os referentes não são tomados como entidades estáveis, mas como objetos de discurso. O léxico não é, por isso, auto-suficiente. Quando um item lexical aparece mais de uma vez em um texto, não tem o mesmo significado, não sendo, por isso, cossignificativo.

LEITURA E ORALIDADE

A repetição, estratégia de recobrar referentes é bastante comum em textos orais e em textos escritos para serem falados e pouco comum em textos escritos.

Segundo Ingedore Koch & Vanda Elias (2006), na construção dos referentes textuais estão envolvidas estratégias de referenciação.

São exemplos de tais estratégias a introdução (ou construção), a retomada (ou manutenção) e a desfocalização:

- a. Introdução: Um “objeto” até então não mencionado é introduzido no texto, de modo que a expressão linguística que o representa, é posta em foco, ficando este “objeto” saliente no modelo textual. (Koch & Elias, 2006, p. 125)
- b. Retomada (Manutenção): Um “objeto” já presente no texto é reativado por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto-de-discurso permaneça em foco. (op. cit. p. 126)
- c. Desfocalização: Quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial (*stand by*), ou seja, continua disponível para utilização imediata sempre que necessário.

A referenciação, segundo Mondada e Dubois (1995), é um processo realizado negociadamente no discurso e resulta na construção de referentes de modo que a expressão referência passa a ter um uso diverso do que se atribui na literatura em geral.

O processo de progressão referencial no discurso se dá por meio de uma variada gama de estratégias de designação de referentes que providenciam a “evolução da referência” no próprio texto.

Algumas destas estratégias são mais comuns em textos escritos por se tratarem de questões estilísticas.

Algumas das estratégias de progressão referencial são as seguintes:

- a. Transformações operadas ou marcadas pela anáfora

Apothéloz & Beguelin (1995, *apud* Koch & Marcuschi, 1998, p. 183), lembram que a anáfora, tradicionalmente, era considerada como uma operação simples de designação referencial em que se dá uma retomada.

Na atual abordagem da anáfora, contudo, observa-se que esse mecanismo opera transformações no objeto de discurso designado.

As modificações operadas pela atividade anafórica são possíveis de ocorrer de três maneiras:

- a. Recategorização lexical explícita: produz uma predicação de atributos sobre o objeto. Em certos casos é uma operação de designação que retoma um conjunto de fatos.
- b. Recategorização lexical implícita: É feita através de um pronome anafórico que remete a um referente e o retoma denominando-o, mas modificando algum aspecto.
- c. Modificação da extensão do objeto ou de seu estatuto lógico: As transformações são operadas nem sempre implicando uma recategorização lexical, mas de outro tipo, isto é, formal. Esta operação é muito comum na língua falada.

Vale a pena notar também, como estratégia de progressão referencial a utilização de anáforas indiretas. Segundo Marcuschi (2005, p. 52), “[...] [a anáfora indireta] é geralmente constituída por expressões nominais indefinidas e pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto”.

- b. Anafóricos que não levam em conta os atributos anteriores de um objeto

Este conjunto de estratégias é formado por anáforas que não levam em conta os atributos predicados anteriormente de um objeto de discurso e o retomam no estado inicial. Não se trata de recategorização. É comum na escrita e na fala e trata-se da anáfora no sentido estrito do termo

- c. Anafóricos que reúnem os atributos explicitamente predicados

Neste conjunto de estratégias os anafóricos acarretam recategorizações, homologando num único item lexical uma série de elementos que o objeto foi recebendo ao longo do discurso (Apothéloz & Reichler-Béguelin, 1995, p. 262).

- d. Formulação que evidencia estratégias de designação mal sucedidas:

Um dos casos mais frequentes é o da correção com função referencial.

LEITURA E ORALIDADE

DIÁLOGO E ANÁLISE²³

Fragmento 1:

LOC. – Olha... eu até os onze anos eu morei numa casa...uma casa velha... sabe... e essa casa era assim... comprida muito mais comprida... que larga e tinha... olha... sei... na frente uma grade de ferro depois... você entrava tinha um jardinzinho mas muito pequeno subia uma escadinha... devia ter uns cinco degraus dava uma varanda... mas não era varanda que...você pudesse colocar cadeira pra sentar não... sabe... era só uma entrada [...]

Comentário 1:

Nesta passagem ocorre a ativação do tópico “casa da locutora” que será desenvolvido mais adiante.

Na primeira fala da locutora a expressão “casa velha” recategoriza a casa da locutora. Assim, esta e outras expressões contribuem para a imagem mental que fazemos da casa que está sendo descrita e possibilitam a progressão referencial já que “casa velha” refere-se à casa da locutora.

A casa, então vai sendo recategorizada “casa comprida”, “casa muito mais comprida que larga”, “que tinha na frente uma grade de ferro depois você entrava e tinha um jardinzinho mas muito pequeno subia uma escadinha devia ter uns cinco degraus dava uma varanda... mas não era _varanda que você pudesse colocar cadeira pra sentar não... era só uma entrada [...] “, assim continua a descrição da casa, com recategorizações feitas por expressões nominais.

Fragmento 2:

[...]aí dava numa sala era uma sala visita... então é... e... aquela ...sala que as mães não deixam entrar pra não sujar... sabe... era a sala... da frente...

Comentário 2:

Ocorre, nesta passagem, a repetição e a recategorização como estratégias de progressão referencial. “aí você entrava num corredor comprido sabe... e nesse corredor comprido saíam três portas de três

²³ PROJETO NURC-RJ – DÉCADA DE 70: Inquérito 011 (feminino / 26 anos). Tema: Casa. Local/Data: Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1971. Tipo de Inquérito: Diálogo entre informante e documentador. Documentador: MNLS

quartos que era então um quarto do casal... quer dizer... do meu pai e da minha mãe... um quarto meu e depois um quarto dos meus três irmãos”. A palavra “varanda” em “mas não era varanda que [...]” é um exemplo de repetição (de um mesmo item lexical), uma estratégia de progressão referencial muito utilizada em textos orais. O mesmo ocorre com as expressões nominais “corredor comprido” e “quarto”.

Fragmento 3:

[...] e... então depois vinha outra sala aí de jantar... mas ... tudo assim ... uma coisa atrás da outra... depois da sala de jantar tinha... uma copa...

Comentário 3:

Ao descrever as partes da casa, a locutora deixa o tópico geral “a casa como um todo” em “stand by”, para, mais adiante, reativá-lo.

[...] depois tinha um banheiro... daqueles banheiros antigos que não tem box ainda não... era só banheiro e a pessoa tinha que entrar dentro da banheira pra tomar banho...

Na passagem em que a locutora descreve o banheiro, a progressão referencial é feita através de palavras que pertencem ao mesmo campo semântico: banheiro, box, banheira, banho. Também por meio de repetição e de recategorização é feita a progressão referencial quando a locutora fala da cozinha:

“aí por fim a cozinha... a cozinha tinha uma escadinha descia e ia dar no quintal [...]”.

Além da repetição e da anáfora, outra estratégia muito comum de progressão referencial em textos orais é a correção. Como a fala, diferente da escrita é “on-line” não há tempo para o falante pensar muito antes de falar, sob pena de comprometer o objetivo principal da fala: comunicar. Um exemplo desta estratégia pode ser visto na seguinte passagem:

[...] ainda tinha um galpão que a gen/ que era o lugar da bagunça...”

Fragmento 4:

[...] a casa velha com pé direito muito alto... as portas imensas... janelas imensas...

LEITURA E ORALIDADE

Comentário 4:

Há, nesta passagem, a reativação do tópico geral “casa da locutora”.

Fragmento 5:

[...] aí quando eu tava com onze anos a gente se mudou aí fomos morar num apartamento...

Comentário 5:

Nesta passagem há a desativação do primeiro tópico geral do texto: “a primeira casa da locutora”. (Este tópico será reativado mais adiante, com a recategorização da casa através da expressão nominal “antiga casa “.)

Fragmento 6:

... então o apartamento é o que eu moro até hoje

Comentário 6:

A palavra “apartamento” ativa o segundo tópico geral do texto: o apartamento da locutora (em que ela morava até o momento da gravação).

Fragmento 7:

[...] dois dos... dois dos quartos têm varandinha... [...] e todos eles com armários embutidos

Comentário 7:

Nesta passagem há a repetição e a anáfora como estratégias de progressão referencial: há a repetição do numeral dois e da contração dos e o pronome eles é anafórico, já que se refere aos quartos do apartamento da locutora.

Fragmento 8:

[...] É muito devassado de... são dois blocos de... de apartamentos então dá direto você abre a janela dá de cara com o vizinho

Comentário 8:

Nesta passagem também ocorre correção como estratégia de progressão referencial.

Fragmento 9:

[...] Agora de um dos lados dá pro Alto da Boa Vista [...]

Comentário 9:

Entende-se, por inferência, que se trata de um dos lados do apartamento.

Fragmento 10:

[...] o outro dá de cara com o paredão e muita criança do lado tem uma vila

Comentário 10:

Nesta passagem a palavra “lado” é correferencial, mas não é cossignificativa. “Lado” refere-se ao lado do apartamento, mas significa que há uma vila ao lado do apartamento e não significa, propriamente, um dos “lados” do apartamento.

O “outro dá de cara com o paredão” refere-se, portanto, ao lado do apartamento.

Fragmento 11:

[...] Olha... na casa velha era assim... na sala de visita tinha um sofá... tinha uma poltrona. que ficava bem em frente... tinha o piano um piano me lembro muito bem que tinha um abajur de pé...

Comentário 11:

Nesta passagem a locutora reativa o primeiro tópico geral do texto: “descrição de sua primeira casa” e descreve o que havia na sala de visita. Vale lembrar que este tópico, por sua vez, também está sendo reativado, pois a locutora já falou em “sala da frente” anteriormente.

LEITURA E ORALIDADE

Em “tinha o piano... um piano...” o primeiro artigo “o” é definido porque é algo que a locutora encontra na memória, sendo, por isso, algo específico. Depois a informante corrige para “um piano”, usando, então, um artigo indefinido, pois não é algo tão específico: o piano fica mais distante, como “um sofá...” “uma poltrona.”

Fragmento 12:

[...] e uma mesa... uma mesinha de centro baixinha pra colocar cinzeiro essas coisas... a sala era muito pequena não dava pra muita coisa não... agora na sala de jantar tinha um buffet... sabe bem comprido que guardava então a louça mais fina nego/ sabe essas coisas que têm né não pode botar na cozinha e... e tinha uma mesa de jantar bem grande com uma porção de cadeiras sendo que as duas cadeiras da cabeceira eram de espaldar... sabe... e... espaldar e de braço... bom... todas têm espaldar claro se não a pessoa cai né... todas têm espaldar mas não tinham aquele apoio pro braço...

Comentário 12:

No primeiro trecho do fragmento, que se refere à sala de visita, ocorre a recategorização da palavra “mesa”, através da repetição do item lexical no diminutivo; isso possibilita a progressão referencial. Há, por fim, a recategorização da sala como um todo o que, por sua vez, também possibilita a progressão referencial.

Depois a locutora passa a falar da sala de jantar. Na passagem “tinha um buffet... sabe bem comprido que guardava então a louça mais fina [...]” a progressão referencial é feita a partir da recategorização do buffet.

Em seguida a locutora fala da mesa da sala e das cadeiras, dando especial atenção às que se encontravam na cabeceira da mesa, por terem apoio de braço; Neste caso a progressão referencial também é feita através de recategorização. Além disso, a repetição do item lexical “espaldar”, através da repetição da frase “todas têm espaldar” e a recategorização da cadeira de espaldar com a expressão lexical “apoio pro braço”.

Fragmento 13:

LOC. – olha... a parte... ela foi uma das pessoas que... primeiras pessoas que teve televisão... então a televisão ficava nessa parte da frente e me lembro também que ti/ que a mesa de centro tinha uma... uns desenhos japoneses... que hoje a gente acha cafoníssimo mas na época era uma glória... né...

Comentário 13:

Neste fragmento ocorre a correção como estratégia de progressão referencial nos seguintes trechos: “ela foi uma das pessoas primeiras pessoas que teve televisão.”; “[...] que ti/ que a mesa de centro tinha umas... uns desenhos japoneses... O pronome “ela” refere-se à avó da locutora. Por referir-se a um “objeto” anteriormente explícito no texto, é um pronome anafórico.

Fragmento 14:

LOC. – Eu... olha... eu... sempre gostei muito de comi:::da sabe... porque lá é assim... as pessoas... eu estava habituada lá na minha casa... e vem só prato né por exemplo... vem um prato de car:::ne...

Comentário 14:

A primeira ocorrência do advérbio de lugar “lá”, neste fragmento, refere-se à casa da avó da locutora. Trata-se, assim, de uma anáfora, pois este referente já apareceu anteriormente no texto. A segunda ocorrência do advérbio de lugar “lá” refere-se, por sua vez, à casa da locutora e também se trata de uma anáfora, já que este referente também já foi mencionado no texto.

Fragmento 15:

[...] na casa da minha avó era... ensopada... dividia a galinha... também eu acho que as galinhas eram enormes ou sei lá se era de uma galinha... tinha galinha que ela chamava de cabidela mas que a gente chama de molho par:::do não é... era assim... se tinha carne vinha vários tipos de carne... eh... a gente comia tanto...

Comentário 15:

O pronome “ela” se refere à avó da locutora. Por referir-se a um “objeto” anteriormente explícito, é um pronome anafórico. O pronome “eu” refere-se à locutora e é igualmente anafórico, pois se refere a um “objeto” anteriormente explícito.

LEITURA E ORALIDADE

Fragmento 16:

[...] ela fazia um... um negócio chamado cartola que é banana com queijo... que é frita... Sorvete... nunca na minha vida eu vi tanto sorvete tão gostoso como lá... [...] arroz de coco... feijão de coco... peixe co / de coco...

Comentário 16:

O pronome “ela” é anafórico pois se refere, novamente, à avó da locutora.

sorvete – anáfora indireta: faz referência a sobremesas e “reativa” este tópico.

O advérbio de lugar “lá” faz referência à casa da avó da locutora e trata-se de uma anáfora.

“arroz de coco... feijão de coco...” – anáfora indireta: faz referência e a reativação do tópico comida. Em “peixe co/ de coco...” há correção como estratégia de progressão referencial.

Fragmento 17:

LOC. – olha... as empregadas... tinha uma cozinheira que ficava só por conta da cozinha é tão trabalho...: sa né... que era só uma pessoa... eu me lembro que tinha um menino que varria o quintal...: sabe... levava recadinho... essas coisas... porque era parece que filho da cozinheira...

Comentário 17:

Nesta passagem a palavra “cozinheira” retoma e recategoriza “as empregadas”. Há nesta passagem, por isso, uma anáfora indireta.

A expressão nominal “um menino que varria o quintal” – recategoriza “empregados”. É, por isso, também, um caso de anáfora indireta.

Fragmento 18:

[...] a minha avó mesmo muitas vezes ia pra cozinha... ela mesma fazia a comida porque ela cozinhava loucamente bem...

Comentário 18:

As duas ocorrências do pronome “ela” referem-se a avó da locutora. Por se referir a um “objeto” anteriormente explícito, são exemplos de anáfora.

Fragmento 19:

[...] Depois que a minha avó morreu eles ala / botaram ladrilho até em cima.

Comentário 19:

Nesta passagem, ocorre a correção como estratégia de progressão referencial (ala / botaram ladrilho).

CONCLUSÃO

Neste trabalho, tentou-se demonstrar as estratégias de progressão referencial em textos orais. Embora haja inúmeras estratégias como, por exemplo, repetição de palavras do mesmo campo semântico, é importante destacar que a anáfora é a principal estratégia. Assim, os referentes discursivos vão sendo submetidos a uma série de mudanças, que podem ser efetuadas por estratégias de sequenciação diversas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOCH, Ingedore Vilaça & ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore & MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. *Revista DELTA*, vol. 14. Special Issue. São Paulo: 1998, p. 169-190.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A anáfora indireta: O Barco Textual e suas Âncoras. In: KOXH, Ingedore Vilaça et alii. *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

NURC RJ – Diálogos entre informante e documentador.